

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Criscia Santos Nascimento

Ritual Dawê Mayõ Ixé

Belo Horizonte

2018

Criscia Santos Nascimento

Ritual Dawê Mayõ Ixé

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática, pelo Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Co-orientador: Guilherme Marinho Miranda

Belo Horizonte

2018

AGRADECIMENTOS

Venho aqui agradecer primeiramente a tupã (deus) e a pataniomã (família), que sempre me concede estar de pé. Quero agradecer a meus pais, Elian Braz dos Santos e Adalton Ananias Nascimento, que nunca me faltaram ao apoio e sempre me motivaram ao estudo. Agradeço ao meu esposo Aguilson Oliveira Braz, pela paciência, contribuição e compressão durante esse tempo, e também a meus filhos, Tokmã Santos Braz e Dxahunã Santos Braz por terem compreendido a minha ausência no decorrer desse tempo e em muitas etapas da vida deles em que deixei de estar presente.

Agradeço aos meus entrevistados, que contribuíram muito para este trabalho. Agradeço também a meu orientador Edgar Barbosa Neto e a meu o Co-orientador Guilherme Marinho que me deram todo apoio. Grata a toda minha família por acompanhar nessa minha jornada, principalmente a meus filhos.

Agradeço de coração a toda a turma da matemática pelo companheirismo que tivemos. E por fim agradeço às lideranças que nos deram todo apoio, para que hoje a gente tenha chegado até aqui.

Hoje posso dizer que todas essas pessoas são guerreiras junto comigo. *Kaupeto nitxi awary!*

RESUMO

Este trabalho apresenta informações sobre o ritual Dawê Mayõ Ixé (lua nova para lua cheia) que acontece na aldeia Barra Velha, no sul da Bahia, conhecido também como luau, pois é realizado em época de lua cheia. Esse ritual deixou de ser praticado devido a certos constrangimentos que o povo Pataxó enfrentou. Esta pesquisa relata a prática do ritual, retratando especificidades de cantos, de comidas e de bebidas tradicionais, da relação com os encantados, e outras práticas culturais do povo Pataxó da Aldeia Barra Velha. Antes o ritual acontecia na beira da praia. Os moradores de Barra velha iam ver o nascer da luae então ali acontecia todo o ritual. Hoje é realizado dentro da aldeia, no Centro Cultural, com o apoio da Escola Indígena Pataxó Barra Velha e a partir da iniciativa de dois professores indígenas. Para a realização deste trabalho, realizei entrevistas e observações. Considero a retomada desse ritual como forma de valorização e de prática da nossa cultura, que se tornou viva, com um ritual de mais fé e que tem um grande significado para o povo Pataxó. Por fim, com esse trabalho adquiri vários conhecimentos que podem vir a ser abordados na escola com o objetivo de valorizar a prática dessa cultura.

Palavras-chave: Dawê Mayõ Ixé, ritual pataxó, aldeia Barra Velha, valorização das práticas culturais da aldeia.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Apresentação..... | 6 |
| 1. Introdução | 7 |
| 2. A lua, a escola e o ritual..... | 10 |
| 2.1. Caminhar com a lua..... | 11 |
| 2.2.A escola e a retomada do ritual..... | 12 |
| 2.3. A preparação do ritual..... | 14 |
| 3. Dawê Mayõ Ixé..... | 25 |
| 3.1. O ritual, a luta e a fartura..... | 25 |
| 3.2. Kuhù, agradecimento e dança..... | 29 |
| 3.3. Cantos..... | 32 |
| 3.4. Os encantados (seres da natureza) | 37 |
| 4. Considerações Finais..... | 40 |

Apresentação

Eu me chamo Criscia Santos Nascimento, filha de Adalton Ananias Nascimento e Eliam Braz do Santos tenho 24 anos. Nasci e moro na Aldeia Barra Velha. Sou casada com Aguilson Oliveira Braz, tenho dois filhos, Tokmã Santos Braz e Dxahunã Santos Braz.

Comecei a estudar aos meus quatro anos de idade na escola indígena Pataxó Barra Velha e desde essa época venho praticando meu estudo. Sempre estudei na escola indígena de Barra velha e concluí o ensino médio e formação geral nessa escola. Quando terminei, senti a necessidade de fazer uma graduação. Com a oportunidade que a Universidade Federal de Minas Gerais nos abriu, eu me inscrevi, mas não passei na primeira vez. A primeira tentativa foi em 2011 e só fui ser contemplada em 2014. Com o decorrer desse tempo, muita dificuldade vim a enfrentar, mas não foi com essas barreiras que desisti. Cada vez que as dificuldades vinham, eu levantava a cabeça e seguia! A primeira dificuldade foi a distância e a segunda, não sei bem se é mesmo uma dificuldade, mas foi o fato de começar a graduação grávida. Não é fácil ficar distante de casa, da família e principalmente dos filhos. Com esse tempo, perdi muitas etapas da vida dos meus *kitok* (menino). Durante esses quatro anos, eles tiveram momentos muito especiais que não pude acompanhar. Perdi a etapa do aprender falar, de aprender caminhar e várias outras, quando não pude estar presente. Mas nunca desisti! Sempre persisti para chegar até aqui. Não foi fácil, temos que ser guerreiros mesmo nas batalhas, há momentos difíceis mas temos que vencê-las, seguir em frete nos objetivos, principalmente na educação, pois muitas vezes nosso povo indígena é muito humilhado. Então hoje chegou a vitória! Muitas vezes lágrimas escorreram dos olhos de tristeza e hoje choro de alegria. Meu muito obrigado, Tupã e Pataniomã (Deus e Família).

1

Introdução

O ritual *Dawê Mayô Ixé* (lua nova para lua cheia) tem um grande valor para o povo Pataxó, principalmente para os indígenas pataxó da Aldeia mãe Barra Velha, pertencente ao município de Porto Seguro, no estado da Bahia, distrito de Caraiva, localizada entre o rio Caraiva e o rio Corumbau.

Além do ritual da lua cheia, temos também outros tipos de rituais em nossa comunidade. Um deles é o ritual que se chama a *busca do dia*, que já vem sendo praticado há quatro anos. Acontece na virada do dia 18 de abril para o dia de 19 de abril, da noite para o amanhecer do dia do índio. Na noite do dia 18, muitos vão à beira da praia para fazer o ritual. Lá acontecem a aplicação do rapé, o corte de cabelo, as pinturas corporais, os cantos e as danças, até que, no amanhecer do dia, todos seguem para o centro da aldeia.



Figura 1 - Ritual feito à noite, em busca do dia

Lá já estão presentes muitos parentes, tanto os da própria aldeia quanto alguns outros, de aldeias vizinhas, que estão a esperar para começar a caminhada pela aldeia, saindo da escola até um ponto de referência, como a Igreja Católica onde está a padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Depois o caminho leva para o Centro Cultural, onde se dá continuidade ao ritual.



Figura 2 - Caminho rumo ao Centro Cultural (continuação)

Existem também rituais de família, que é quando se reúne apenas a família, em suas próprias casas. Em volta de uma fogueira, contam-se histórias, causos, e logo em seguida um chá, um café, e um peixe para assar. Há ainda um ritual que era feito na sexta-feira à noite, em uma casa de família, mas que deixou de acontecer por motivo de muita vinda dos encantados e porque o nosso povo não está preparado ainda para receber esses encantos. Esse ritual começou com a família de Tururim, Palmiro e de outros. Ele iniciou pelas famílias mais velhas, ou seja, por aquelas dos anciões.

Mas esses outros rituais não têm especificidade devido à lua. Seguem o desejo e o momento de acontecer. E apesar do seu grande valor para o povo Pataxó, o *Dawê Mayô Ixé*, também conhecido como *Luau*, se tornou o de maior fé dentro da comunidade. Este ritual representa muito para a nossa comunidade e acontece como um momento de fartura de comidas e de bebidas tradicionais, principalmente de mariscos, que nunca podem faltar no momento, pois a lua cheia, período em que acontece esse ritual, é quando temos fartura de mariscos.

O papel desse ritual dentro da comunidade é trazer força e fortalecimento espiritual para o nosso povo Pataxó. Esse ritual favorece a valorização da cultura, incentiva nossos costumes e traz de volta uma realidade que vem do nosso povo, que há muitos e muitos anos já vivenciava essa tradição, mas que, com o passar do tempo, adormeceu devido aos vários constrangimentos que o povo indígena enfrentou. Permaneceu adormecida por algum tempo, mas hoje, graças à iniciativa de alguns professores, tem acontecido o resgate desse ritual, o que, com muita luta, se tornou uma

vitória para o povo Pataxó. E vejo dentro da comunidade como um momento vivo e de fé.

Essa retomada do ritual iniciou em 2014 pela atuação dos professores indígenas Alex Ferreira Pinheiro e Alessandro Santos, da atual escola indígena Pataxó Barra Velha. Essa retomada envolveu os alunos como trabalho de escola dentro da própria comunidade. Percebi então a necessidade de realizar esse trabalho para conscientização e valorização dessa cultura do povo Pataxó. O meu objetivo neste trabalho de pesquisa é descrever o ritual chamando a atenção para a sua importância para o povo Pataxó. Para isso, defini os seguintes objetivos:

- discutir a especificidade de cantos e danças praticados nesse ritual;
- descrever a culinária tradicional praticada no ritual;
- relatar os momentos que antecedem e aqueles que se seguem depois do ritual;

Para desenvolver esse trabalho, realizei cinco entrevistas com jovens, adultos e anciões, todos indígenas da Aldeia Barra Velha. As entrevistas mais longas foram feitas com: Alex Ferreira Pinheiro, que é professor de matemática, faz parte do grupo de cultura e é muito frequente nos rituais; Antonio Arawê, que é uma pessoa mais velha e, desde sua juventude, tomou a frente falar da cultura e dos rituais; Neide é uma senhora que sempre faz o *kawi* para o momento dos rituais. Duas outras entrevistas, mais curtas, foram feitas com: Erlanio Braz Alves, que é professor de cultura da língua materna (Patxohã); e Aguililson Oliveira Braz, que é um jovem que faz parte dos rituais. São relatos sobre como o ritual era praticado, no passado, e também sobre como está sendo a sua prática hoje. Além das entrevistas, faço uso de anotações do caderno de campo referentes ao momento do ritual, de informações obtidas em conversas com algumas pessoas da comunidade, e de material visual, como fotos e vídeo.

O que me levou a realizar esse trabalho foi o convívio e a realidade que venho vivenciando na comunidade através da observação e conversas sobre rituais. E daí então veio essa necessidade de poder contribuir de alguma forma com a comunidade relatando como é essa prática e também como ela era antes. Acredito que esse trabalho possa subsidiar a produção de materiais didáticos para valorizar essa riquíssima cultura que não pode adormecer novamente e sim permanecer viva.

Esse texto está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo falo sobre as fases da lua a crença e a vivência que o povo pataxó tem com ela. No segundo capítulo, apresento a preparação do ritual e sua organização. No terceiro, faço um relato do ritual, da sua realidade e importância para o povo Pataxó. Por fim, nas considerações finais, destaco o que aprendi com esse trabalho, como foi minha visão na pesquisa e o quanto ritual é valioso para o nosso povo.



Figura 3 - O ritual como uma prática viva

A lua, a escola e o ritual

2.1. Caminhar com a lua

Orientamos a nossa vida diária e a nossa vida ritual pela relação com a lua. O povo Pataxó caminha devido à lua. Sabemos que temos quatro fases da lua e nós indígenas temos muita crença e muita fé em cada uma delas.

Lua minguante: É o tempo em que ela está fininha. Então sabemos que esse é o momento de fazer plantio, de fazer a colheita de frutos e sementes, de tirar as ervas para preparar remédios e de tirar madeira para a construção de casas. Essa lua não ajuda muito a mulher que está para ter criança, pois o parto fica muito devagar, *demoroso*, fica difícil para o parto ser realizado rápido. A maré fica morta, não enche tanto e por isso não dá para pegar certos mariscos.

Lua crescente: É o tempo em que ela está com a metade toda iluminada no céu e a noite já se torna clara, sendo possível avistar muitas coisas na aldeia. Então é o tempo de cortar cabelo, de fazer simpatias para o crescimento do cabelo e também para criança crescer. Não é um momento bom para o plantio, pois aparecem muitos insetos. As plantas não crescem e os frutos, quando dão, bicham e brocam, ou seja, ficam todas furadas, as madeiras então ficam todas corroídas, não dá para construir casa e os frutos não podem ser consumidos já na maré, é uma lua boa para pegar marisco, mas não tão boa para a pesca no mar e no rio. A noite se torna clara e as armadilhas são vista pelos peixes e na mata, para pescar, acontece da mesma forma. E também não serve para remédio, pois não podemos colher ervas.

Lua nova: É nessa lua que fazemos muito pedidos, pedidos de livramento (proteção contra coisas ruins), de saúde, pedimos também para as crianças crescerem e outros vários pedidos. Para o plantio, ela está boa. A lua está escura e os insetos não enxergam. Pode-se também tirar madeira. Ela não broca.

Lua cheia: Essa é a lua que nos traz muita alegria. É a maior. É quando está toda completa no céu, bem redonda. E quando nasce vem bem amarelada, com toda força para

nos visitar e dar todo fortalecimento. Então é nesse tempo que fazemos os pedidos e agradecimentos. É também muito bom para fazer óleo de dendê e de côco, pois rende mais. É a lua que mexe com todo o ser, principalmente com o feminismo. E é nesse momento que realizamos o ritual *Dawê Mayô Ixé*, para homenagear a vinda dessa lua.

2.2. A escola e a retomada do ritual

A escola indígena Pataxó Barra Velha foi construída em 2001 pelo governo federal com muitas lutas das lideranças. Naquela época o cacique era José Ferreira e o vice Adalto Ananias Nascimento. Sempre foi o sonho deles e de toda a comunidade ter um prédio escolar adequado para ter uma boa educação para sua comunidade.



Figura 4 - A escola Pataxó em Barra Velha-BA (desde 2001)

Ela atende do ensino infantil ao ensino médio, com formação geral. Alguns anos atrás, tinha o magistério, mas de um tempo para cá não mais. Ela é uma escola vinculada ao município de Porto Seguro (BA). É composta por dez salas de aula, oito banheiros, uma cozinha, uma sala de professores, uma mini-biblioteca, uma sala onde funcionava o laboratório de informática, hoje desativado por falta de aparelhos, uma sala e secretaria, uma sala de diretoria, uma sala de depósito e dois quartos para alojamentos.

A sua estrutura inclui também o prédio da primeira escola, construída no ano de 1980 pela FUNAI, e que está localizada na sede da aldeia. Ela é composta por quatro salas de aula, quatro banheiros, uma mini-cozinha, um depósito e uma sala de secretaria. Nela funciona apenas o infantil das series iniciais, mas ela é integrada pela mesma escola que foi construída em 2001. Trata-se de uma escola com duas sedes. A escola conta com sessenta e cinco funcionários. Todos os professores são indígenas. Segue um currículo de Educação diferenciada, mas não atende apenas aos alunos indígenas. Atende também a alunos de outros povoados vizinhos.



Figura 5 - A "primeira escola", construída pela FUNAI em 1980

Quem teve a iniciativa de voltar a praticar o ritual, o *Luau*, foi o professor de *patxôhã* (língua materna, a língua do povo Pataxó, proveniente do tronco linguístico macro-jê), o professor Alex Ferreira Pinheiro, junto com um outro professor, na época de Educação Física, o Alessandro Santos. Na entrevista que fiz com o Alex, ele fala que o ritual nunca tinha acabado e sim adormecido. Há muito e muito tempo ele já era praticado e com o passar do tempo o nosso povo precisou deixar de praticar os seus costumes e até mesmo a sua língua materna, o que também aconteceu com muitos outros povos. Isso foi assim não porque quiseram, mas por discriminação e até mesmo para guardar sua identidade. Foi um tempo em que o ritual ficou adormecido, mas não totalmente, pois às vezes ele era praticado.

Na nossa comunidade sempre temos o costume de conversar com os mais velhos. De acordo com as conversas, Alex chegou à conclusão de que eles tinham a vontade de praticar o ritual que foi deixado de lado por um tempo. Então ele teve a ideia de chamar o professor Alessandro para promover uma aula prática com algumas turmas sobre esse ritual. Era como aula avaliativa. Ele contou que no início houve crítica, o que considerou como reclamação, pois, como tem uma carga horária escolar a ser cumprida, muitos colegas de trabalho falaram que eles estavam fazendo aquilo para não cumprir essa carga horária. Mas eles não desanimaram e continuaram a organizar o ritual. No início não levaram muito a sério. Foi apenas uma aula prática, mas viram que houve um bom aproveitamento e incentivo por parte dos alunos. Resolveram então conversar com a direção da escola. E depois disso receberam também apoio de vários professores e assim prosseguiram. Toda a noite de lua cheia eles praticavam o ritual, e ele foi se fortalecendo a cada dia. Hoje se tornou o ritual de mais fé, de luta e de resistência.

A escola tem sido uma grande guerreira na parte da organização do ritual. A maioria dos organizadores é parte do corpo da escola, como professores, alunos e funcionários. Poucos membros da comunidade participam da organização. A direção da escola divide os grupos de funcionários para que possam, junto com as turmas de alunos, organizar as tarefas do *luau*. Todos se reúnem e fazem uma divisão das tarefas. Cada grupo fica com a missão de fazer algo que é parte desse ritual, tal como fazer a mukeka, o kawi, o beijú, a farinha de puba, a farinha de cocó, o suco de frutas nativas, a paçoca de aipim, o chá de ervas medicinais, incluindo também as tarefas de pegar os mariscos, os caranguejos, as conchas, os ouriços e os siris.

Junto com a escola, é preciso também falar da importante atuação do Grupo de Cultura, que sempre participa da organização do ritual e de todos os eventos culturais da aldeia, e do qual fazem parte alguns professores, como o Alex e o Alessandro. Todos que integram o grupo, se organizam quando chega o momento do ritual Dawê Mayô Ixé, sempre participam das reuniões, dando a sua opinião e contribuindo com a organização comunitária.

2.3. A preparação do ritual

No momento do ritual, comidas e bebidas são oferecidas pelas pessoas da aldeia para quem está presente, tanto os indígenas quanto não indígenas. Elas passam em torno do círculo oferecendo para quem desejar aceitar. Essas pessoas não indígenas são visitantes, turistas, que vem visitar a aldeia e conhecer o nosso ritual.

O ritual é precedido por várias preparações, que começam a acontecer em tempos anteriores, em luas anteriores. Algumas comidas e bebidas são feitas um dia antes e outras no mesmo dia. Só o *kawi* que precisa ser feito no mínimo três dias antes, para que ele possa vinhar, ficar fermentado com gosto de álcool. O *kawi* tem três fases, chamadas de *kawi*, *jaroba* e *luá*. O *kawi* e a *jaroba* são o momento de descanso, quase iguais, com um ou dois dias antes. Mas o *luá* é feito com mais de quatro dias. É o momento em que já está *vinhado*.



Figura 6 - Cozimento do aipim para o *kawi*

Transcrevo abaixo um trecho da ‘entrevista’ com Neide, uma senhora que sempre está contribuindo no ritual, fazendo o *kawi*, com grande experiência nessa parte:

‘Eu aprendi o *kawi* com minha mãe. Eu via ela fazendo e ia observando. Assim que faço: pego a mandioca, descasco e coloco para cozinhar. Só não pode deixar muito amolecer, [pois aí] não fica muito boa. Depois que cozinhar deixa esfriar para pilar ou ralar. Antes de fazer isso, escorre todo o caldo. Depois de pilar, coloca dentro da vasilha e põe outra água. Deixa descascar em um lugar. O melhor é junto do fogo, tira toda a cinza e deixa ele

lá. Se quiser colocar três caroços de milho dentro dele, ou um pedacinho de carvão, sempre é bom. Lembrando que é bom fazer ele sempre na mesma vasilha, ter uma própria só pra ele [...]

A mandioca que eu falo tem que ser aipim. O melhor de fazer é com aipim calombo, aipim cacau, aipim Lafaiete. Já a aipim manteiga também é boa, mas ela é amarela e o *kawi* não fica muito fermentado. Mas dá para fazer. Pois é, assim que eu faço o *kawi* e sempre nos momentos do ritual os meninos pedem para eu fazer. Eu sempre gostei de fazer’

O *kawi* não é feito por qualquer pessoa da aldeia. Sempre precisa ser por uma pessoa mais velha, que possamos dizer com mais experiência, porque ele tem segredos que apenas essas pessoas sabem. E são sempre as mulheres que fazem essa bebida. Só que hoje tem também a participação dos alunos, que vão até a casa de uma dessas pessoas para fazer o *kawi*. Esses alunos observam e ajudam no que podem com a experiência dos mais velhos. Eles aprendem através da observação e depois com a prática.

Além do *kawi*, a culinária do ritual inclui outros ingredientes também importantes, como por exemplo”

MUKEKA : é um peixe cozinhado na folha da patioba(uma palmeira). Ela pode ser feita no mesmo dia, mas só que o peixe que é pego uma noite antes. É preparada apenas com o sal e com a folha, dando o próprio gosto ao peixe. Mas não impedimento para quem desejar colocar algum outro tempero. Modo de preparo: coloca o peixe dentro da folha e amarra. Depois leva ao fogo e deixa assar.



Figura 7 - Processo de preparação da mukeka (1)



Figura 8 - - Processo de preparação da mukeka (2)



Figura 9 - Mukeka assada

BEIJÚ – É feito da mandioca e seguindo alguns processos. Temos alguns tipos de beiju, tais como de puba, goma e massa.



Figura 10 - Um dos tipos de Beijú

O modo de preparo depende de qual for fazer. Se for de goma, tira a goma da mandioca de puba, tira também a puba da mandioca. Nos dois casos, amassa da mesma forma. A mandioca sempre tem que ser ralada. É preparada de acordo cada beiju, utilizando o leite de côco, açúcar. E outros são feitos apenas com o sal. Depois de cada preparação, leva-se ao forno de torrar farinha para assar. Algumas pessoas utilizam a folha da bananeira para cobrir no momento de assar o beiju.

FARINHA DE PUBA – É feita da mandioca. No primeiro dia, apenas descasca, rala e imprensa. No segundo dia, quando ela já estiver descascada, ralada e impressada para retirar o líquido, coloca a massa seca para peneirar e em seguida ela estará pronta para ser murchada e depois torrada no forno, sempre mexendo para que a torra fique no ponto certo, desejado.

FARINHA DE CÔCO – É feita com a farinha de puba da mandioca. No processo da *muchação* (palavra de uso oral), mistura com açúcar e côco ralado e em seguida leva ao forno para torrar.

SUCOS DE FRUTAS TRADICIONAIS – São feitos de frutas encontradas na comunidade, tais como, manga, mangaba, caju, abacaxi e outras. Esses sucos podem ser feito no mesmo dia. Modo de preparo: retira a poupa da fruta e faça normalmente.

PAÇOCA - É feita da mandioca (aipim) cozida. Modo de preparo: depois de cozida, pila e mistura com o coco ralado. Tem que ser feita no mesmo dia.

CHÁ DE ERVAS – É feito com folhas das ervas. Modo de preparo: cozinha as folhas, depois côa e toma naturalmente. As folhas mais usadas são capim santo e folha de laranjeira. É feito no mesmo dia.



Figura 11 - Alguns dos chás de ervas

O ritual, além da preparação de comidas e bebidas, inclui também várias outras preparações, principalmente do corpo. Muitos costumam tomar banho de ervas como uma preparação para receber os encantados, mas, nesse processo, temos também alguns segredos que não podemos revelar.

A aplicação do rapé também está presente no ritual, acontecendo no início e no fim. São os homens que mais usam. Ele é feito com ervas. Ingere-se na forma de pó.



Figura 12 – Kuhú ou ‘pó de rapé’

Que é aplicado no nariz. Ao tomar essa aplicação, as reações diferem de pessoa para pessoa. O rapé era geralmente mais usado como remédio, em casos de dor de cabeça e sinusite, mas hoje se tornou uma tradição frequente tanto no ritual quanto no dia a dia.

O rapé é usado muito para o fortalecimento do corpo, do espírito e da alma. Sempre é usado no início do ritual e também no fim. No início é usado para preparação do corpo para o ritual, e no fim é para proteger o corpo de algum espírito ruim que possa ter feito presença durante o ritual. Ele também é muito usado no dia a dia como preparação e proteção do corpo [...]

Quando usar o rapé, não pode consumir álcool, nem líquidos gelados e deve-se evitar de sair muito ao sereno. É muito usado como remédio, e se não tiver esses resguardos, as reações são muito ruins, principalmente quando for usado em caso de gripe, dor de cabeça e sinusite’ (Entrevista com Alex Ferreira Pinheiro)



Figura 13 - Aplicação do pó de rapé (kuhú)

Antes de iniciar o momento dos cantos no ritual, tem o momento de benzer o espaço. Benze-se com incenso de capim de aruanda, amescla e outras ervas. Geralmente é feito para proteger de algum espírito ruim.



Figura 14 - O incenso e o ritual (sendo fotografado)

O ritual acontecia em um lugar localizado na rua de baixo, em frente ao salão comunitário, considerado como um terreiro sagrado.



Figura 15 - O salão comunitário

Nós sempre tivemos um Centro Cultural na nossa aldeia, a oca (casa de ritual). Mas ela era sempre queimada e não sabemos quem fazia essa maldade. Por isso a aldeia ficou durante muito tempo sem um Centro Cultural. Mais recentemente, as lideranças indígenas juntamente com os professores e outros membros da comunidade abraçaram essa causa e construíram novamente esse centro.



Figura 16 - Centro de Cultura Indígena "Maturemba"

Não tivemos recursos financeiros de nenhuma instituição, mas os parentes de aldeia ajudaram do modo que podiam: indo na mata para tirar madeiras e *marimbou*, que é uma planta com folhas compridas que servem para cobrir casas e foi utilizada para cobertura do centro cultural.



Figura 17 - Folhas de Marimbou

Algumas mulheres ajudando com o *mãgute* (a comida), outros com recursos e alimentos, etc. E sempre trabalhando em mutirões para realizar essa construção. Tupã (Deus) abençoou e hoje temos o nosso Centro Cultural. Ele está localizado em um lugar

chamado Lagoinha. Mas sabemos que ainda há o que fazer. É o que confirma, abaixo, Alex Ferreira Pinheiro:

O espaço que temos para fazer o nosso ritual não está preparado espiritualmente. Tem que ter um local de boa espiritualidade, no sentido de um ambiente em contato com a natureza para sentirmos a presença dos espíritos que estão ao redor. O local que hoje temos está no centro da aldeia e se torna um pouco movimentado. Outros eventos também acontecem nesse local e isso interfere um pouco na relação com a natureza e com os espíritos com os quais nos relacionamos.

Quando chega o dia do ritual, é um momento de alegria. Amanhece o dia e cada um que se interessar de ajudar já começa a providenciar as comidas, as bebidas e a preparação do espaço. A disponibilidade é com amor e com boa vontade para que seja realizado o ritual.



Figura 18 - O ritual: disponibilidade, alegria e amor

Só que existem tarefas que apenas os homens fazem, como pegar lenha para fazer a fogueira para assar as *mokekas* e também bater raiz (uma forma de pescaria. Um grupo de homens vai para o mangue bater raiz para pegar o peixe com o qual será feita a *mokeka*). Chegando no mangue coloca a rede do lado que a correnteza está correndo no riacho, e outros vão batendo nas raízes do mangue com varas para o peixe sair e irem para correnteza.



Figura 19 - A pesca no mangue

Dawê Mayõ Ixé

3.1. O ritual, a luta e a fartura

Para iniciar a conversa sobre o ritual propriamente dito, transcrevo um trecho da fala de Aguililson Oliveira Braz, um jovem bastante atuante, da Aldeia Barra Velha.

Minha visão é que esse ritual trouxe melhorias e conhecimento. Trouxe muito envolvimento dos parentes, que nem vinham participar dos rituais. A partir desse ritual da lua cheia, veio a participação dessas pessoas velhas, que só ficavam lá em suas casas, à noite. Hoje já aparecem alguns. Não muitos, mas sempre tem a presença de alguns. E essa presença nos traz alegria e conhecimento. Eles trazem cantos antigos que não conhecíamos mais, mas que então passamos a conhecer e a colocar em prática nos rituais. Trouxe também a presença do não indígena, que vem conhecer e prestigiar esse ritual, participar dele, uma participação muito boa, porque eles vão falar sobre a realidade do nosso povo. E eles, ao participarem, dão também uma contribuição, uma ajuda com as tarefas a serem realizadas no ritual (Aguinilson Oliveira Braz, um jovem da aldeia participante dos rituais.)

Nesse ritual, o luau, todos os membros da comunidade que desejarem participar, como crianças, jovens, adultos, anciões, podem participar, só que há um momento para cada. Há também aquele dos visitantes, pois eles não podem participar das danças iniciais e nem do canto final. Somente nós indígenas podemos iniciar e terminar nossas orações e nossos rituais. O ritual é o momento que tiramos para festejar, homenagear e agradecer. É o objetivo de estarmos ali.



Figura 20 - O ato do ritual

E sigo com uma fala e Antônio Arawê:

Antigamente, quando era criança, eu já participava dessa *chula* (*chula* é como a gente chamava esse ritual de hoje). Nesse ritual a gente brincava muito de flecha com tronco de bananeira, até esmagá-la. Antigamente, nesse ritual, eu achava que tinha mais fé. E agente também sempre tem devoção e fé na Nossa Senhora da Conceição (a nossa padroeira). O nosso ritual começou assim: nossa gente não era reconhecida, e então teve uma época que veio um vereador na nossa aldeia dizendo que iria vir um presidente João Goullart e que o encontro ia ser no pé do Monte. E que a gente tinha que ir lá cobrar nossos direitos. Isso foi no ano de sessenta. E a gente foi lá mostrar nosso ritual e nossa cultura. Eu fiquei como representante da nossa cultura. Chegando lá, demos o nosso recado. Maria Coruja (é uma anciã grande guerreira nos cantos e rituais), Vicentina (também é uma grande guerreira nos cantos e rituais) e outros mais velhos daquela época falaram: “queremos nossa terra para trabalhar e queremos educação para poder cuidar do que é nosso! ”. Isso foi o que pedimos e a partir daí fomos reconhecidos como índio Pataxó [...]

Essa nossa cultura está em todo canto. Onde tem índio, tem cultura. O ritual é um documento para nós. Esses rituais eram feitos muito em fundo de quintais. Lembro de um dia, no fundo do quintal de seu Epifânio (foi um grande cacique na sua vida com nosso povo e hoje não se faz presente no nosso meio), que cantamos a noite toda. A gente cantava também muito canto de roda. Eram muitos versos. E quem não tinha coragem de falar para alguém que estava gostando dela, aí falava na roda através de versos. E quando não gostava, também respondia logo.

Desde pequena eu ouvia falar, pelos meus pais e meus avós, que o nosso povo morava na região do parque Monte Pascoal e que, quando era tempo de lua cheia, ele vinha para beira da praia fazer esse ritual. Ele é sempre comemorado uma vez ao mês, no dia de lua cheia, sempre à noite. Quando ela aparece no céu, bem grande e bonita, é a hora de começar a realizar o ritual.

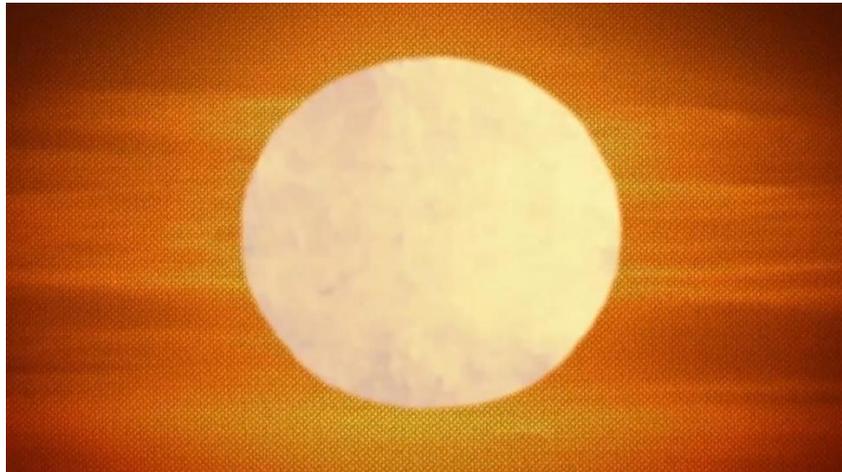


Figura 21 - Hora de começar o 'ato do ritual'

Nesse ritual temos músicas, danças, bebidas e comidas tradicionais do povo Pataxó. Tem um momento de aplicação do *kuhú* (rapé) para aqueles que desejarem participar desse momento. Temos os nossos adereços, tais como o cocar, a tanga, o colar

a pulseira, o bracelete, os chocalhos, os brincos e o cinto. Há também os instrumentos musicais como o maracá, o apito, a flauta, o tambor, assim como os próprios sons imitados dos pássaros com o apito, como aqueles do Tururim, Lambú e Sofré.

O ritual do *luau* tem um grande significado para mim. É um momento de alegria, de paz, de amor, de confraternização, mas também de adquirir espiritualidade, de sentir os espíritos que estão no nosso meio, a fé que nos proporcionam e que nos deixa cada vez mais fortes. Quando falo de ritual, vêm logo no meu pensamento as lutas que nossos anciões tiveram para adquirir o nosso território. Hoje temos nossa cultura, nossa língua materna de volta, mas sem nunca deixar de lembrar que não há luta nem história sem território. Nós Pataxós, quando estamos em luta, confiamos muito nos rituais. Para conquistar benefícios para o nosso povo, nós temos nossos rituais, que nos fortalecem e que nos dão a vitória. Deixo aqui esse poema que fiz, para que sirva de reflexão à luta pela terra do povo Pataxó de Barra Velha.

Resistência pela terra

No começo tudo era momento de alegria

Tristeza e medo era o que não existia

Nosso povo plantava, caçava e colhia

Com união e muita harmonia

Ao anoitecer em suas casas fogueira

Fogueira vinha clarear

Com suas histórias e cantos a cantar

E nunca deixando suas tradições acabar

Mas logo veio a luta da terra que todos queriam demarcar

E alguns líderes de sua aldeia saíram para lutar

Em busca de seus direitos muita dificuldade veio a enfrentar

Andando pelas estradas trabalhando aqui acolá
Mais tinha fé que um dia iam chegar
Em busca de seus direitos foram a procurar
Mais quando chegaram à aldeia perceberam que enganado foram lá
Aí veio o pesadelo que pensavam que não ia mais acabar
Em suas casas na madrugada fogo veio a queimar
Homens que eles confiaram que suas terras vieram demarcar
Crianças e adultos muito a espancar
Mulheres a estupro isso nem gosto de lembrar
Nosso povo refugiado muito tempo teve que ficar
Lembravam de sua aldeia e das riquezas a beira mar
Mas não esquecendo e sua aldeia um dia retornar
Negaram sua identidade para que hoje pudesse chegar
Depois de muito sofrimento a alegria veio em seu olhar
Com a terra demarcada para todos
Plantar colher e cuidar
Deixo essa mensagem para todos lembrar
Da luta pela terra que nossos velhos tiveram que lutar
Para que chegasse a esse ponto e muitos ainda não vêm a valorizar
A memória dos nossos anciões que sempre temos que lembrar
E que nossas crianças no futuro um dia possam contar
A luta pela terra que veio a demarcar
Foi um grande sofrimento mais nunca deixaram de lutar.

O ritual da lua cheia traz um grande significado para o nosso povo, principalmente nas lutas que ele vem a enfrentar. Estamos sempre a pedir força, resistência e coragem para nunca desistir de lutar. E quando a lua vem nascendo, com toda a sua força, bem grande e bonita, essa é a hora de se fazer os pedidos e de começar a homenageá-la, com cantos, danças e com os alimentos que ela nos oferece para o momento.

O ritual inicia quando a lua começa a nascer, por volta das seis horas. Isso é assim também por causa da participação de outros parentes das aldeias vizinhas, que necessitam do transporte escolar. Ao final, depois do ritual, alguns parentes ainda ficam reunidos em volta da fogueira, contando histórias, fumando o *timbero* e aplicando o rapé. Como nos diz Alex Ferreira Pinheiro:

‘Esse ritual é um ritual de agradecimento à lua cheia. Dawê Mayô Ixê, o que quer dizer “lua nova para lua cheia”. É a lua que nos dá toda fartura, como os mariscos e as plantações. Nós Pataxó temos muita crença com ela, que é um ponto de referência e de fortalecimento, e não apenas na cultura, mas de corpo e de espírito’.

3.2. Kuhù, agradecimento e dança

O luau começa com a aplicação do *kuhù* (rapé) e também com o uso do *timbero*, o cachimbo que contém ervas medicinais. Como dito anteriormente, são os homens que geralmente mais utilizam. Novamente com Alex Ferreira Pinheiro:

‘O kuhú é um dos elementos que ajuda a fortalecer o espírito. Cada um tem seu espírito, seu anjo de guarda. Sua proteção é o rapé. Ele é um alimento positivo para o espírito da gente. A gente sempre tem aquele momento de tomar o kuhú, para preparar o espírito. Quando você toma, você está preparado. Você já está ali com o seu espírito, preparado para lidar com qualquer coisa que vier a acontecer. Não são todos que tomam. A gente observa que são poucos que estão ali preparados para tomar ou aplicar. Muitos tomam o kuhú, mas aqueles que cheiram na mão ou no dedo são bem poucos’.

Quando se senta na roda para tomar *kuhù*, a dose é maior. Ele é ao mesmo tempo alimento para o espírito e fortalecimento do corpo para o ritual. Quando o ritual chega ao fim, ele serve para fechar o corpo, para tirar tudo aquilo que é negativo. Como contou Alex, quando se aplica o *kuhù* se sua muito e todas as coisas ruins vão embora com o suor. O seu uso exige cuidado e preparação. A ingestão de bebidas alcoólicas faz com que a pessoa não aguente a aplicação e, como explicou Alex, ela pode começar a fazer vômito e a tremer. Mas não é só o uso do álcool. Quando a pessoa está estressada, quando fala palavrões, quando está bastante cansada, ela sente o corpo tremer e sua muito. Isso mostra

que o seu corpo não está preparado, naquele momento, para fazer parte do ritual. Sobre a retomada do *kuhù*, Alex conta que eles foram pesquisar com os mais velhos.

‘A gente foi pesquisar também. Foi buscar com os mais velhos como funcionava. E teve também a influência de outros povos. Nos intercâmbios, eles sempre falavam pra gente que o *kuhù* é uma medicina para preparação do corpo. Aí começo a fazer parte do ritual, pois a gente percebeu que era realmente uma preparação do corpo. Hoje ele é bastante frequente [...]. Eu tomo ele todos os dias, porque é como se toma um remédio para combater... Eu tomo ele para prevenir, como uma medicina de prevenir, e também preparando o corpo para se adaptar a ele, para acostumar, para que assim, quando chegar o momento do ritual, tomar uma dose maior. Aí o seu corpo está preparado para receber ele. É uma preparação para o dia-a-dia’ (Alex Ferreira Pinheiro)

Logo em seguida, ainda no começo do ritual, todos se reúnem sentados no chão em forma de círculo e com uma fogueira no centro. Nesse momento, um representante da cultura ou um membro da comunidade, como um ancião, toma a palavra e agradece pelo momento sagrado e pela reunião de todos ali. No ritual, sempre tem um momento, em geral no início, para essas falas. Um membro da comunidade, um representante do grupo de cultura, uma liderança ou o cacique fazem a abertura do momento, agradecendo por mais uma noite de lua cheia e pedindo a ela que possa dar fortaleza e espiritualidade para muitos e muitos outros. Esse é momento em que se fazem todos os pedidos.

Começa então a oração *kānā pataxí petoy* (na minha aldeia tem). É uma das orações de início do ritual. É realizada com todos agachados em volta da fogueira.



Figura 22 - Momento da oração

Há outras que são feitas em pé. Antes do começo da dança, quando todos estão ainda sentados em volta da fogueira, cantam-se também alguns outros cantos. No final,

existe também o canto de despedida. O mais cantado é o *Dawê mayõ ihé* (adeus à lua nova).

Em seguida, de acordo cada canto, que envolve um ritmo diferente, vem a maneira de dançar: batendo o pé, rodando em volta da fogueira, de braços dados ou em fila. Arawê, na entrevista que fiz com ele, contou que no ritual de hoje estão faltando muitas coisas, como, por exemplo, algumas danças, que hoje estão muito simples, às vezes com um ritmo só. Uma dessas danças importantes é a chamada piracema, que era feita à noite, no tempo da lua cheia, mas também durante o dia.

‘Tem essa dança da piracema mesmo. A piracema que agente dançava era em forma de círculo. Cada grupo completava o círculo rodando, sempre girando, e aí, no meio da música, um grupo entrava pelo meio da roda e ocupava o lugar do outro e assim iam até que todos tivessem voltado para seus lugares. Ficava tipo um monte de peixe mexendo em círculo, como na época da piracema. Por isso que é chamada música da piracema [...] Lembro de um pedacinho dela: Hó piracema o piracirema o Pirapora piraporã / Tehá’xá tehãhã tekũ bolokumã (repete-se várias vezes)’ (Arawê).

Arawê associou esse ritual ao fato de que Barra Velha era uma terra de passagem no litoral para outros povos que vinham para essa região. À noite, aquele grupo de índio se reunia, cada um cantava os seus cantos e dançava as suas danças, e por isso ‘a nossa língua é uma linguagem de vários povos, dos povos que naquela época passavam. Como disse Antônio Arawê durante a entrevista: “a língua é igual à noite: bateu, pegou”.

Arawê também contou que o ritual está precisando de um momento para ‘representar a lua’, como ‘uma índia toda enfeitada e com um cesto, porque ela vem carregada com muita fartura para dar à comunidade. É um momento de fartura e parece que ela está vindo muito seca. Precisa vir cheia’. E explica como receber o turismo nesse ritual, esclarecendo que se deveria falar ‘que aquilo ali é o presente que ela está oferecendo e qual o significado do que ela tem para oferecer’. Ele mencionou que muita coisa estava faltando no ritual e eu disse a ele que sentia falta da presença dos mais velhos, que sempre nos fortalece e nos ajuda a melhorar. As músicas, por exemplo, mesmo as mais antigas, são poucas aquelas que a gente e pergunto como os pequeninhos vão aprender.

‘Vocês têm que cantar pra buscar quem está lá atrás. Quando você canta o que está lá atrás, eu vou lá. Vocês dançam quase só uma dança. Tem música que vocês cantam, mas, na hora de dançar, não dançam direito’ (Arawê).

Arawê também entende que nome *luau* não é o certo, pois essa é uma ‘linguagem de branco’. Para ele o nome deveria ser *Dawê Mayõ Ihé* (adeus lua nova). Pois *Ihé* também vem no sentido de ‘mulher nova’ como ele diz em sua entrevista e também como falou meu avô Ananias: “a lua cheia mexe com o feminismo”.

3.3. Cantos

Para nós, Pataxós, os cantos têm muito significado. Eles relatam o que o nosso povo deseja falar e transmite os seus sentimentos. Durante o ritual temos cantos de vários significados, como de agradecimento, de alegria, de tristeza, cantos para começar e para terminar o ritual, e cantos de acolhimento aos encantados. Alguns apenas os homens iniciam, enquanto outros somente as mulheres começam, assim como existem partes de cantos que só homens cantam e outras que só as mulheres o fazem. Cada canto tem o seu momento e o seu lugar. Alguns são antigos e outros atuais. Os primeiros eram feitos por pessoas como Maria Coruja, a Dona Vicentina, e outras de troncos mais antigos.

Cantos de início de ritual

Esses cantos geralmente são cantados para iniciar o ritual. É o momento em que todos ficam agachados para reflexão e para começar o ritual com essas orações.

Kãñã pataxí petoy, baixú 'txé nayhã pokayaré...

Arnã petoy puhuy, arnã petoy akuã, arnã petoy sará dxahá txobiaré.

Kahabi itxé siratã, kahabi itxé siratã , kahabi itxe siratã

Dxahá uipy apoy uipy mayõ (repetir duas vezes)

Na minha a aldeia tem, beleza sem plantar

Eu tenho arco, eu tenho flecha, eu tenho raiz para curar

Viva tupã, viva tupã, viva tupã,

Que nos vem trazer mayõ

Pidorama pidoré tamã 2x

Idorê idoraiama 2x

Kohó pataxó, nienã tamuratá kohó maxakalí 2x

Terra de palmeira, terra de muitas palmeiras

Terra mãe das primeiras nações brasileiras

Parentes Pataxó vêm aqui vamos cantar

Com os parentes Maxakali.

Goyá miãga de airi coromi cunhuma queroxi

Kohemomê keteinó baixo mokekaromató

Warukã paty baré mirapé gegri kehemeré (repetir duas vezes)

Temos também os cantos para agradecer a chegada da *ãghó mayõ* (lua cheia). É o momento de força de cantar para ela, para dar fortalecimento às nossas conquistas.

A lua clareou os índios pisou na aldeia (2X)

Ô pisa meus cabocos pisam, pisam em nossa aldeia

Ô pisa meus cabocos pisam, pisam em nossa aldeia (repita várias vezes)

Agohó hukab, ātxuab hê hê (fala dos homens)2X

Ãtxuade hê hê ãtxua dehá (fala das mulheres)2X

A lua permanece maravilhosa.

Joopek dxahá´a huayõ pataxí

Iõ joopek mê´a miriawê

Awê, awê, awê, awê, awá.

Fogo que clarea aldeia

O fogo é sagrado

Awê, awê, awê, awê, awá.

Há os cantos de despedida do ritual. Quando chega a hora de terminar é o momento de agradecer por tudo que ela veio trazer naquela noite, principalmente força, espiritualidade, coragem e fé para todo o nosso povo.

Dawê mayõ ihé, dawê mayõ ixé (2x)

Despedida meu naô, meu naô

Haxenawê (2x).

Adeus lua nova, adeus lua cheia

Despedi dos meus cabocos

Que já vou para minha aldeia.

Outros cantos falam da vivência do povo Pataxó. É uma forma de falarem através dos cantos.

Pataxó muka mukaú muka mukaú muka mukaú

Pataxó mayõ werimehi mayõ werimehi mayõ werimehi

Ertõ ertõ ertõ pataxó

Kotê kawi suniatá heruê 2x

Heruê hê hê heruê heruê 2x

Pataxó unir reunir unir reunir unir reunir

Pataxó a luz do amor a luz do amor te amo te amo te amo pataxó

Beber kawi cantar o awê wê hé awê wê

Iõ hayõ torotê jaypotxê pataxó dxahá hamiá

Peteniãg káupetõ takape akuã maraká

O sol está saindo pataxó para dançar

Cadê minha lança minha flecha e maracá.

Temos também os cantos dos encantados, que durante o ritual são cantados de acordo com a força e a espiritualidade. Há o momento em que aparecem esses espíritos, tanto os de luz como os da escuridão. Esses cantos são muito fortes. São cantados com muita fé. Eles escutam o chamado e vêm nos visitar.

Cacique da mata aonde tu andas. (2X)

Na mata escondido, tecendo uma tangá. (2X)

Fazendo pedido, que meu pajé manda. (2X)

Guerreiro de pena, escreve na areia (2X)

Escreve na areia, meus guerreirinhos

O nome da aldeia (2X)

Canto de chamar:

Caboquinho da pele preta

Olha lá vem cá vem cá

Quem está dormindo acorda já

Awê Awê Awá se meus cabocos forem em bora eu vou buscar

Olha palma do coqueiro, olha lá vem cá vem cá

Quem ta dormindo acorda já, Awê awê Awâ se meus cabocos forem em Bora eu vou buscar. (2X)

Assim como existem para chamá-los, existem os cantos que mandam eles para o seu lugar, ou seja, o terreiro deles.

Eu já vou me embora

Lá para minha aldeia

Terra de caboco, chego lá,

Lá ninguém passeia

Terra de caboco, chego lá,

Lá ninguém passeia.

A gente canta para que coisas melhores aconteçam para nós.

3.4. Os encantados (seres da natureza)

O ritual foi se tornando muito forte. A cada dia que passava os encantados vinham com muito mais frequência. Mas vinham tanto os de luz como os da escuridão. Então acharam melhor deixar de apresentar os seres da natureza, porque eles não estavam preparados para recebê-los e não estavam sabendo mais como identificar qual dos dois eras. No ritual têm então todos [aqueles] momentos. Só não o momento de trazer os seres da natureza, mas, mesmo assim, alguns encantados ainda vêm. Não com muita frequência, mas vêm. (Aripotxê Erlânio, professor de patxóhã, língua materna e faz parte do grupo de cultura muito frequente nos rituais)

Os encantados são espíritos de índios velhos que já se foram e que se encontram na natureza hoje, como, por exemplo, no mar, no rio e nas matas. Por isso chamamos de seres da natureza. Existem os encantados de luz (como o *surtão*, o encantado das águas, etc.) e os da escuridão. Em conversa com minha mãe, ela me contou que minha bisavó paterna, Maria Antônia, era uma parteira na comunidade e que ela tinha um encantado que vinha ensinar remédios tradicionais, que a ajudava até na função que ela exercia. Só que não tinha momento para ele chegar, podendo acontecer tanto durante o ritual quanto no dia a dia. Hoje eles vêm se fazer presentes no ritual.

Esses encantos são chamados espíritos da mata, das águas. A maioria deles é índio. Antes eram chamados de chula, mas nem gosto de falar chula. Para nossos velhos, eram os cantos que eles cantavam que era deles. Cada encantado tem o seu canto, existem os cantos para cada ser. Quando a gente está ali no momento do ritual, quando começa a cantar, a entoar esses cantos, então eles vêm. A gente está chamando eles. E são vários tipos de encantos que vêm no ritual. Mas além dos cantos, existem também os incensos, o *timbero*, o incenso da *amesca* com *capim de aruanda*, todos fatores que trazem eles para fazer parte do ritual. E é mais o espírito da pessoa naquele momento se identificar e presenciar com eles, aí eles sentem a presença do chamado e vêm para fazer parte daquele momento. É um espírito, então esse espírito vem... Quando eles querem apenas acompanhar agente no ritual, aí eles ficam apenas ali, no meio de nós, mas a gente não consegue ver. Mas sente a presença. Quando a gente canta, sente aquele arrepio, começa a cantar mais forte, além do que a gente canta, e aí sente a presença, exatamente no momento em que está cantando esses cantos fortes. Quando a gente começa a cantar, sente a presença de algo a mais. Nesse momento, agente canta mais forte, pisa mais forte, sente o arrepio. São eles que estão ali presentes. Quando ele vem dar o recado, o encantado é luz para a gente ou para a pessoa, ele chega e encosta na pessoa, ou vem naquela pessoa que está preparada no momento. Eles vêm, chegam junto, e dão o recado. Quando é de falar, ele fala, quando é de ensinar, ele ensina, quando só quer cantar, ele canta e depois vai embora. Só vem naquele momento ali da cerimônia mesmo, para participar junto com a gente. Existem os cantos de chamar e os cantos de mandar eles embora. Então é assim que a gente percebe, quando ele está junto da gente. Quando eles querem dar um recado, a gente percebe dessa maneira. E antes a gente não estava preparado, antes a gente sentia aquilo por ser um momento ali que achava que era...E hoje não... por isso que eu falo, se for para gente continuar com ritual lá da família, hoje agente tem uma preparação a mais. Podemos dizer que estamos mais preparados para receber eles. Então é assim que eles vêm, com cantos e com os incensos' (Alex Ferreira Pinheiro).

Assim que começou a retomada do ritual, sempre havia um momento para homenagear um ser da natureza. Isso parou de acontecer. Alex, assim como Aripotxê, explicou que ‘quando a gente vai representar um ser, a gente precisa estar preparado para isso. E quando se fez a primeira vez, descobriu-se que não estávamos ‘preparados para recebê-los. Então eles vêm e puxam a nossa orelha. Estão lá no canto deles e a gente, para chamá-los, precisa estar preparado’. E quando eles vêm, encostam tanto em quem está preparado quanto em quem não está.

Quando a pessoa está preparada, ela chama. Começa a entoar, a cantar, ela já sabe o canto, cada um sabe o seu anjo de guarda, já tem ali o seu espírito com o qual se identifica, que é mais forte. E como faz para se preparar? Existem os banhos cheirosos, as orações que ela faz. Então ela está se preparando. E quando vai para o ritual e sente a presença dele, começa a cantar e começa a sentir, é porque ela está preparada, porque já se preparou antes. Aí recebe ele [...]. Quando a pessoa está preparada, ela está sempre preparada para receber o encanto de luz, que são os espíritos que vêm para ensinar coisas boas, como remédios, as orações mesmo, a cantar. Então essa pessoa está preparada. Mas no momento do ritual, quando vem participar do ritual, sai de casa sem nem sequer fazer o sinal da cruz e nada, aí quando ele chega, pega ela de qualquer jeito. A pessoa não está preparada para receber. Muitas vezes quando a pessoa está assim pode ser até um espírito negativo, que vem mais para fazer o mal com a pessoa. Se a pessoa não está preparada para identificar se é bom ou ruim, então simplesmente pega ele de qualquer jeito. Por isso no ritual tem que ter uma pessoa preparada, para que possa saber identificar quem é bom e quem é ruim, para quando acontecer esses casos a pessoa saiba expulsar ele, tirar ele da pessoa, que não está preparada para receber encanto nenhum, nem bom nem ruim. Quando é bom, sabe o que faz, e quando é ruim, quando pega de qualquer jeito, aí só vai fazer maldade com ela. Muitas vezes leva a pessoa até a fazer besteira com ela mesma. Então é assim que funciona. A gente tem esse respeito, essa preparação. (Alex Ferreira Pinheiro).

E essa preparação inclui também a preparação do lugar. É preciso um lugar adequado para receber os encantados. Eles têm a sua casa de ritual, a *Aruanda*, e a gente deve construir uma *Aruanda* para receber eles e também um lugar que seja apenas para o ritual.

A gente hoje sente muito a presença dos encantados. Mas ele não vem sempre, porque a gente não está preparado para receber ele, até pelo espaço. Outra coisa também interessante quando se fala do ritual é o espaço, porque eles não vêm em qualquer lugar. Por exemplo, quando você vai fazer um canto, um ritual, num espaço que é muito frequentado, onde passa muita gente que às vezes é ainda pagão, que não é batizado, às vezes pessoas que não têm um bom espírito, então eles não chegam de qualquer jeito nesses lugares. Tem que ter um espaço adequado para ele. Cada encantado tem a casa deles de ritual, chamada de a Ruanda. A gente tem que ter uma *aruanda* para receber eles. Hoje a gente até conseguiu fazer um, que é ali no nosso centro. Mas ele precisa ser preparado mais ainda. Então acho que é por isso que não estão preparados também. Seria um lugar mais isolado, frequentado só para o ritual’ (Alex Ferreira Pinheiro).

Às vezes esses encantos não vêm para encostar em alguém, mas mesmo assim a gente sente a presença deles no meio do ritual. E não são todas as pessoas que os recebem. São poucas, geralmente mais as mulheres. Nesse momento, cada encantado tem a sua missão para vir participar do ritual, como trazer aviso, ensinar remédio. Os encantados nem sempre vêm durante o ritual, mas, quando vêm, são muito bem recebidos. Esses encantados trazem cantos novos e antigos que não conhecemos mais, mas que, graças a eles, passamos a conhecer. Eles chegam quando estão sendo cantados cantos muitos fortes e antigos. Existem cantos para chamá-los e outros para mandá-los embora.

Considerações finais

Este percurso é um trabalho que trouxe para mim muito mais do que eu imaginava. Trouxe força, conhecimento, valorização e respeito. Às vezes, pensamos que sabemos muito, que somos conhecedor de tudo que está aos nossos olhos, mas é um engano. Temos que ir ao fundo, pesquisar, participar e conhecer. Ele me fez adquirir vários aspectos de conhecimento, principalmente sobre os cantos, sobre a preparação do corpo para o ritual, sobre os encantados e também sobre o quanto esse ritual *Dawê Mayô Ixé* é valioso para o nosso povo. Tudo isso vai contribuir no decorrer da minha vida e, espero, também para minha comunidade. No início pensei que ia ser tudo fácil, por eu morar na aldeia e vivenciar o ritual de perto, mas não é bem assim. Os olhos de pesquisador são diferentes. Mas foi muito valioso e proveitoso escrever sobre uma cultura que fala do meu próprio povo.

A forma da escrita ajudou muito na parte do conhecimento com o trabalho. Me fez enxergar o quanto devemos buscar a divulgação da realidade do nosso povo. Quando escolhi fazer esse trabalho, pensei muito nos anciões, nas lutas que eles passaram e vivenciaram. Sempre colocaram o pé no chão. Para irem à luta, tinham que ter os seus rituais, a sua espiritualidade, pois quando fazemos nosso ritual é para adquirirmos força, fé, fortalecimento e espiritualidade. E este trabalho mostra a fé e a espiritualidade que o povo Pataxó tem nos rituais.

Nessa pesquisa, há também a fala de Antônio Arawê, que me marcou e me ajudou a descobrir uma outra versão do título do ritual. Não seria *Dawê Mayô Ixé*, mas *Dawê Mayô Ihé*, pois, como o sentido faz referência ao adeus da lua nova para lua cheia, ele preferia a palavra '*Ihé*' e não '*Ixé*'. É que '*Ihé*' tem o sentido de mulher nova, ou seja, de lua nova. E a chegada da lua cheia, como ele diz, "mexe muito com o feminismo".